

ENCRUZILHADAS DE MIM: O PERCURSO DE PERTENCIMENTO A PARTIR DA ESCREVIVÊNCIA DE UMA MULHER NEGRA BISSEXUAL EM BELÉM-PA

*Aline Stefany Queiroz Leite¹
Rodrigo Cleber Leão de Oliveira²*

RESUMO: Viver as interseccionalidades de uma mulher negra bissexual interiorana na Amazônia paraense é refletir sobre as estruturas de violências e pertencimentos através da coletividade que podem construir esta experiência. Diante disso, esta pesquisa tem por objetivo refletir como funciona o processo de pertencimento para uma mulher negra bissexual que se desloca do interior (Bragança-PA) para a capital (Belém-PA), partindo de uma perspectiva descolonial e qualitativa e utilizando como instrumento metodológico a escrevivência de Conceição Evaristo. Portanto, cabe reconhecer que o território e seus contextos, como por exemplo as estruturas cisheteronormativas, impactam significativamente no autorreconhecimento, bem como a presença da coletividade e do aquilombamento têm efeitos positivos para processos de reconhecimento e retomada de si.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. Mulher negra. Escrevivência. Território.

CROSSROADS OF ME: THE COURSE OF BELONGING FROM THE WRITING OF A BISSEXUAL BLACK WOMAN IN BELÉM-PA

¹ Bacharel em psicologia pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). E-mail: alinestefany.1515@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5934-3177>.

² Bacharel em psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Psicologia pelo PPGP-UFPA (Universidade Federal do Pará). E-mail: rodrigo.leaoo2212@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4013-2741>.

ABSTRACT: Experiencing the intersectionalities of a bisexual black woman from the countryside in the Amazon of Pará is reflecting on the structures of violence and belonging through the community that can build this experience. In view of this, this research aims to reflect on how the process of belonging works for a bisexual black woman who moves from the interior (Bragança-PA) to the capital (Belém-PA), starting from a decolonial and qualitative perspective and using it as a methodological instrument the writing of Conceição Evaristo. Therefore, it is worth recognizing that the territory and its contexts, such as cisheteronormative structures, have a significant impact on self-recognition, as well as the presence of the community and aquilombamento have positive effects on processes of recognition and recovery of the self.

KEYWORDS: Bisexuality. Black woman. Writing. Territory.

ENCRUCIJADAS DE MÍ: EL CURSO DE PERTENENCIA A PARTIR DE LA ESCRITURA DE UNA MUJER NEGRA BISEXUAL EN BELÉM-PA

RESUMEN: Experimentar las interseccionalidades de una mujer negra bisexual del campo en la Amazonía de Pará es reflexionar sobre las estructuras de violencia y pertenencia a través de la comunidad que pueden construir esta experiencia. Ante esto, esta investigación tiene como objetivo reflexionar sobre cómo funciona el proceso de pertenencia para una mujer negra bisexual que se desplaza del interior (Bragança-PA) a la capital (Belém-PA), a partir de una perspectiva decolonial y cualitativa y utilizando toma como instrumento metodológico la escritura de Conceição Evaristo. Por lo tanto, vale reconocer que el territorio y sus contextos, como las estructuras cisheteronormativas, tienen un impacto significativo en el autorreconocimiento, así como la presencia de la comunidad y el aquilombamento tienen efectos positivos en los procesos de reconocimiento y recuperación de uno mismo.

PALABRAS CLAVE: Bisexualidad. Mujer negra. Escribiendo. Territorio.

INTRODUÇÃO

Existe um provérbio africano que diz que a sola do pé conhece toda a sujeira da estrada, e que traz sentido à escrita sobre a qual me debruçarei aqui. Início com este provérbio para falar de um lugar que diz sobre mim, os caminhos e estradas que percorri, os encontros e percursos que me desaguardam aqui hoje.

Meus pés se firmam em um território chamado Pérola do Caeté, ou também conhecido como Bragança. Sou nascida e criada neste interior de Belém-PA, que me atravessou e atravessa de muitas formas: as relações que fiz, as violências que passei, a falta em muitos âmbitos, compartilhamentos e afetos me movimentaram e me formaram. Como Luedji Luna³ canta “Eu sou um corpo, um ser, um corpo só, tem cor, tem corte e a história do meu lugar”.

A cidade de Bragança-PA está localizada a oeste da região norte do Brasil, banhada pelo rio Caeté, sendo também conhecida e denominada como a Pérola do Caeté, tendo 410 anos de existência, com aproximadamente 123.082 habitantes, de acordo com censo de 2022 do IBGE. O município reúne várias pessoas de territórios, saberes e práticas diversas, sendo da zona rural e urbana, de localidades e municípios vizinhos. Contudo, apesar da região reunir várias manifestações, do religioso ao profano, é marcada por uma base judaico-cristã muito forte a qual influencia o entendimento e as vivências das pessoas. Pensando nisso, José Sena (2020) afirma que “É nesse cenário que uma cultura e territorialidade cisheteronormativa, patriarcal e dogmático-religiosa impõe regimes de verdade e biopolíticas que produzem espaços de abjeção para populações dissidentes” (SENA, 2020, p.1716).

Ao longo desse percurso, decidi sair deste lugar para trilhar um caminho acadêmico, o qual me leva a Belém-PA. Com muitos medos, inseguranças e questionamentos, aqui nesta terra de Mairi⁴ entro em contato com minha sexualidade, raça e gênero, na busca de um tornar-se.

³ Luedji Luna nasceu em Salvador, Bahia em 1987. É uma mulher negra cantora e compositora brasileira.

⁴ Nome indígena dado à cidade de Belém-PA.

Um caminhar ao encontro da minha bissexualidade, negritude e cisgeneridade. E que por muito tempo foi um lugar de busca que continha muitas dificuldades, uma vez que ao longo do meu percurso pessoal e acadêmico não se tinham muitas leituras, referências, grupos que falassem sobre gênero, sexualidade e raça. Aqui, saliento que o tornar-se mulher negra bissexual ainda é um caminho que percorro, na desconstrução de estereótipos, evidenciando violências, visitando leituras, tendo compartilhamentos com outras bissexualidades e negritudes, rompendo com a binaridade e o monossexismo⁵.

Entendo a construção de raça como um fator estruturante de subjetividades no contexto social que vivemos. Evidencia-se, portanto, que o processo de construção da identidade das mulheres negras pautou-se como um “outro” subjugado, onde a referência era ocidental, branca e cristã. Sendo assim, criam-se estereótipos em relação a mulher negra que tem por objetivo desumanizar e controlar. Logo, “A importância de autodefinir-se está em subverter definições exóticas construídas e mantidas segundo interesses hegemônicos de dominação, afirmando mulheres negras enquanto sujeitas políticas ativas e copartícipes de sua produção” (CÂMARA, 2017, p.42). Logo, os movimentos contrários a lógica eurocêntrica têm sido resultado das resistências para se existir enquanto corpo negro, por um caminho que se faz coletivamente.

Atrelado ao processo de formação étnico-racial, compreende-se a sexualidade como um fator relevante na estrutura social, uma vez que existe um padrão cisheteronormativo que, ao se estabelecer, resulta no apagamento e silenciamento de identidades sexuais dissidentes. De acordo com Jaeger *et al.* (2019), a binarização das sexualidades compõe uma agenda colonial, sendo a colonialidade a perpetuação do sistema binário dos afetos, desejos e da própria moral que costumam incidir nas questões de gênero e sexualidade. Vivências bissexuais rompem com a lógica binária, entendendo a sexualidade como dinâmica, fluida e que diverge da estrutura monossexista que produz estereótipos e violências

⁵ Monossexismo é a crença de que sexualidades monossexuais (heterossexualidade, homossexualidade e lesbianidade) seriam superiores e mais legítimas que sexualidades não monossexuais (bissexualidade, panssexualidade e etc).

que perpetuam a manutenção do padrão normativo de relacionamentos, desejos e afetos que ainda parte da lógica binária “homem e mulher”.

Tendo em vista que minha vivência não está desatrelada das questões de raça, gênero, sexualidade, territorialidade e tantos outros marcadores que fazem parte de quem eu sou e me localizam socialmente, torna-se importante compreender estes atravessamentos enquanto consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos das violências sistêmicas. Sendo assim, a interseccionalidade compõe “uma categoria analítica que permite a leitura do social a partir das múltiplas opressões que atravessam a existência singular de cada pessoa, em todos os contextos sociais” (MELO & GONÇALVES, 2010, p. 3).

A lógica colonial propaga a escassez e atenta contra a vida, fomentando o engessamento e a homogeneização de corpos e corpos. Nesse sentido, coloco aqui a pluriversalidade como lugar de encruzilhada, ao passo que as encruzilhadas versam acerca da pluralização, que Rufino (2019) pontua a partir de seu caráter decolonial. Trago, então, a escrita deste trabalho para deixar falar e viver, minha existência e de tantas outras corpos bissexuais negras enquanto sabedorias de frestas, aquelas que operam nas fronteiras e nas faltas, sejam elas materiais e/ou simbólicas.

A bissexualidade é uma forma de compreender, viver e experienciar a sexualidade que está baseada na simultaneidade. Por isso, ela se expressa como uma adição potencialmente infinita: “eu gosto disso e disso, e disso, e disso, e disso, e disso...”. Essa adição potencialmente infinita abre espaço para a diversidade de desejos, práticas, identidades, genitálias e corpos (MOSCHKOVICH, 2022). Nesse sentido, a identidade bissexual deve ser vista como independente e que se constrói. Assim, de acordo com o Manifesto Bissexual Brasileiro (2021), “A bissexualidade desafia todas as outras identidades por não ter fronteiras, assim como pessoas intersexo e trans, especialmente não-binárias, fazem com os gêneros masculino e feminino, da mesma forma, a bissexualidade”.

Dessa forma, este trabalho tem como ótica a metodologia descolonial e qualitativa, a qual Mignolo (2017) descreve como “pensar descolonialmente, a partir de um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da mo-

deridade, a estrutura de administração e controle” (p. 7), a fim de aprender a desaprender, para aprender de novo. Ademais, uso como instrumento metodológico a escrevivência de Conceição Evaristo (2018), buscando na escrita o lugar da memória, assim, a “escrevivência” como a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do povo preto. Pensar o meu lugar enquanto sujeito na produção de conhecimentos é refletir sobre a posicionalidade em que eu ocupo, o lugar da enunciação, sendo racial, territorial e de gênero, entre outras. Ao passo que dentro do pensamento ocidental existe a busca de uma neutralidade e um distanciamento do sujeito que escreve, onde o sujeito que fala encontra-se encoberto (FIGUEIREDO, 2020). Portanto, a proposta deste trabalho é buscar brechas dentro de uma ideia epistemológica branca que espera que a autora apenas narre sobre o outro, ao contrário disso, busco construir uma escrita a partir das minhas experiências, reconhecendo que a “experiência é um conceito importante para o feminismo e para o feminismo negro. “O pessoal é político”, uma das importantes contribuições do feminismo revela o elo entre a experiência pessoal, individual e coletiva” (FIGUEIREDO, 2020, p. 09).

Faço desta escrita vivência, tendo por objetivo refletir como funciona o processo de pertencimento para uma mulher negra bissexual em Belém-PA. Entendo como Grada Kilomba (2019) que nossas escritas enquanto mulheres negras vão muito além da escrita culta e normativa, como a perspectiva branca eurocêntrica quer. Por muitas vezes nossas escritas e conhecimentos partem de um caminho inverso, da periferia para o centro. No meu caso, do interior para a capital, levando em consideração toda cultura do território em que vivemos, pois “ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade” (KILOMBA, 2019, p. 59). Diante disso, o encontro das múltiplas formas de quem eu fui, sou e posso ser diz sobre o alargamento de possibilidades, nas encruzilhadas que eu caminho, pelas quais faço lugar de potência, resistência e me reinvento. Portanto, entendo a escrita enquanto política, e por isso escrevo.

COMEÇO, MEIO E COMEÇO

Como Nego Bispo (2023) diz “Transfluindo somos começo, meio e começo. Porque a gente transflui, conflui e transflui. Conflui, transflui e conflui” (p. 30). Aqui, não quero generalizar as vivências negras bissexuais em Belém-PA ou em Bragança-PA, pois não sou o todo, mas parte; entendendo que sou trajetória e circularidade.

Lembro que na minha infância e adolescência, fui uma criança que, apesar de não ter muitos recursos, minha mãe e minha avó muito me incentivaram e o “necessário” nunca faltava. Ser criada por mulheres cis e brancas que são atravessadas por questões machistas, patriarcais, cisheteronormativas e racistas, fez com que existissem cobranças e violências relacionadas ao meu corpo, comportamentos, fenótipo e cor, as quais hoje consigo nomear, além de ser chamada muitas vezes de rebelde por falar e não concordar com o que estava posto, tida como agressiva e que não sabia ouvir “críticas”. Dos lugares que fui permeada pelo racismo, o ambiente familiar foi um deles. E tantos outros que me fizeram ter repulsa dos meus traços e cabelo, querer caber em lugares e relações violentas, agindo como eles diziam que era “certo”.

Sobreviver ao extermínio é primordial para que mulheres negras possam pensar que existência querem construir para si, mas o que as interlocutoras [mulheres negras] indicam é que elas ambicionam e alcançam mais, desejam enfrentar o extermínio das memórias e das narrativas que foram abafadas pela dor, pelo silenciamento, pela desunião imposta pela diáspora. Enquanto a sociedade brasileira ambiciona esquecer o passado escravagista, mulheres negras querem reescrever histórias ainda não escritas, dessa vez em primeira pessoa. (GONZAGA, 2019, p. 54)

A construção de identidades e subjetividades de pessoas negras se dá também em relação com o meio, onde o passado e o presente coexistem e a memória da escravização é parte das vivências. Nossas histórias, nossa realidade e identidade são criadas por outros, e na maioria das vezes esse

outro é branco, cis, cristão, classe média, detentor de poder, colocando pessoas pretas e indígenas no lugar de objetos e não de sujeitos. A negação da identidade negra, como pontua Sueli Carneiro (2023), implica no plano político, destituir o negro da condição de participante, sendo uma estratégia de controle e anulação do sujeito político. O que faz, de acordo com Bell Hooks (1990), pensar que “ainda há necessidade de tornar-se de fazer-se (de) novo” (p. 15).

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona em uma imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (SANTOS, 1983, p. 77).

Esse não-lugar se torna ainda mais complexo, tendo em vista que existem lacunas e silenciamentos das realidades interioranas. As interseccionalidades acabam não sendo articuladas fora das grandes metrópoles, pois, em grande parte são vistas e escritas a partir de um olhar cisheteronormativo. Os estudos feitos sobre os contextos interioranos privilegiam experiências que versem sobre conflitos agrários, economia doméstica, perspectivas desenvolvimentistas (GONTIJO, 2017). A partir disso, reflito sobre a dificuldade de me ver representada e ler sobre raça e diversidade sexual e de gênero em Bragança-PA, bem como os processos de luta e resistências que coletivos LGBTIA+ travam no interior para estarem aquilombados e buscarem por direitos e acessos. Logo, as escritas dissidentes que surgem, são escritas a partir do enfrentamento das violências e da afirmação de nossas existências.

Estando inserida nesse contexto judaico-cristão, fui atravessada pelos ideais hegemônicos e heteronormativos que em um primeiro momento não me permitiam experienciar nada fora do padrão estabelecido, sendo intitulada “desviante” e “mundana” quando pude ver e buscar para além do que via na igreja. Por conseguinte, comecei a experienciar a minha

sexualidade a partir do momento que pude frequentar e vivenciar o que era tido como “profano”, podendo nomear e validar aquilo que eu sentia enquanto desejo e afeto reconhecendo que não tinha problema nenhum em viver e sentir desta forma.

Nomear o lugar da raça, da identidade sexual e das violências se tornou mais palpável na vinda para Belém-PA. Cheguei na cidade em 2018 com 19 anos, com o desejo de poder estar em uma universidade e cursar psicologia. Saí de Bragança-PA com o incentivo daquelas(es) que acreditaram e acreditam em mim. Mesmo com medos e inseguranças emocionais e estruturais, vim. Em um primeiro momento, me causou muito estranhamento estar em uma cidade grande, tudo era muito novo e difícil, estava acostumada com o aconchego do meu interior; também foi difícil estar em uma universidade particular, onde pude ter uma bolsa integral do ProUni para estudar, com pessoas que, por vezes, tinham um contexto financeiro e racial diferente do meu.

Me afirmar enquanto um corpo bissexual e poder viver minha sexualidade se deu a partir do momento que eu saí do âmbito familiar, tateando um lugar novo, com experiências novas, uma vez que tive poucas ou quase nenhuma referência e experiência sobre bissexualidade em Bragança, por estar em um entorno cisheteronormativo e cristão. Antes de vir para Belém, nunca tinha lido ou convivido com pessoas bissexuais, a minha percepção era monossexual e binária. Compreendo, a partir disso, o apagamento sistemático que a bissexualidade e vivências bissexuais sofrem. Este “apagamento” se manifestaria na negação da existência da bissexualidade, no não reconhecimento da identidade bissexual de outrem e em um conjunto de estigmas atribuídos à bissexualidade, e teria implicações epistemológicas, políticas e jurídicas (EISNER, 2021).

Ao passo que minha bissexualidade ganha lugar, percebo violências, como se a minha identidade sexual “ameaçasse” a lógica monossexual, segundo a qual meu corpo era hipersexualizado e minha orientação sexual era vista como promíscua, gerando a negação da minha sexualidade, sendo chacota e excluída de espaços e relações, fazendo com que eu não me sentisse pertencente e até acreditasse que tinha algo errado comigo. Grada Kilomba (2019) nomeia as identidades coloniais como identidades

dependentes, visto que para que se positivem é necessário um outro que seja negativado. Diferenças hierárquicas - aquelas em que o “outro” só é visto como “o diferente” porque quem se anuncia se vê como a norma.

Para Facchini (2009), a insistência em categorizar as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais, ou como heterossexuais, ou como homossexuais, vem do fato de a bissexualidade negar a fronteira que supostamente separa os/as “homossexuais” dos/as “heterossexuais”. Na insistência da minha existência e experiências que causam estranhamento na lógica heteronormativa e monossexual, vejo a bissexualidade e sua potência de “desmanualizar” nossa visão sobre sexualidade, sobre gênero e, em última instância, sobre o mundo em que vivemos (MOSCHKOVICH, 2022).

Estar em Belém do Pará e ter o entendimento, leituras e posicionalidades sobre raça, gênero e sexualidade não me isenta de também ser alcançada pelas violências. É um novo território que também carrega diversos contextos e pensamentos coloniais e normativos. De acordo com Tainara Pinheiro e Carmen Rodrigues (2020) em suas pesquisas, Belém-PA é intitulada como a cidade morena; dessa forma, pensar essa morenidade (par-ense) é falar das estruturas das relações raciais e sociais neste território que denotam um discurso de poder, marcado pela exploração, subjugação e extermínio de populações negras e indígenas. Nota-se, assim, na construção identitária desse país, uma fragmentação e um branqueamento que se acentuam através da “democracia racial” que, tendo como base ideologias brancas e elitistas, funcionou como instrumento de aniquilação da força e dos movimentos de populações não brancas, assim “como mito fundador do país, a democracia racial é o que fundamenta toda a matriz civilizatória brasileira, mito esse que celebra a mestiçagem, essa ‘salvação’ no momento em que a negritude era vista como inferior, impura, ameaçadora” (PINHEIRO & RODRIGUES, 2020, p. 51).

Por conseguinte, ao longo do meu percurso acadêmico pude ver na universidade o quanto ela se faz cis, branca e heterossexual e pauta a binaridade dos corpos. Entendendo que não há discursos neutros e, tendo em vista que a teoria está frequentemente posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém, poucas vezes me vi representada e ouvida nesse

meio. Collins (2000) retrata em sua escrita que uma maneira de colonizar é ensinar as pessoas colonizadas a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador e que grupos oprimidos só serão ouvidos ao se colocarem nas ideias e linguagem que é familiar e confortável para o grupo dominante.

Lembro de Conceição Evaristo (2016) dizer que “escrever é uma maneira de sangrar” (p. 109) e percebo o quanto falar desse lugar e atravessamentos através da escrita causa dor, medo, frustração, raiva e decepção, pensando nisso Bell Hooks (1990) nos coloca que esses sentimentos são lembretes dos lugares e situações, onde entramos ou mal entramos, onde dificilmente chegamos ou não podemos ficar. Além de não poder ser e viver quem somos, o que gera medo e inseguranças.

Nesse contexto, vejo a raiva como campo fértil, a qual uso como combustível no meu caminhar para mudar as coisas que não aceito mais. Audre Lorde (2020) nos apresenta algumas reflexões sobre a capacidade da raiva de ser canalizada e transformada em força de resistência e luta no cotidiano de mulheres negras e LGBTI+ e como o medo e a culpa são terrenos áridos para a comunicação e a transformação social. Ao passo que a raiva transparece nossas especificidades, também permite aprender sobre essas diferenças e reagir de maneira criativa, para além da culpa.

A falta de acesso, referências e afetos ao longo do caminhar se tornam significativos para o fortalecimento e o sentimento de pertencimento de um indivíduo, dessa maneira, quando se há precarização do território seja material e/ou simbólico, tem como consequência a inibição da possibilidade de estabelecer laços afetivos e de se construir meios de colaboração e transformação social (BERTH, 2023). O que faz me questionar: que corpos e corpos são dignos de existência, que podem viver, ser amados e que merecem afetos?

A RETOMADA E O REENCONTRO NO LUGAR

As representações sociais e estereótipos violentos que se criaram no imaginário social cisheteronormativo binário e racista do que é ser negro e bissexual, implica sobre as relações e a afetividade dos nossos corpos a partir das questões de raça, gênero e sexualidade, estruturando e localizando

lugares sociais, ordenando um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho e na afetividade. Nesse sentido, a afetividade torna-se um veículo importante no cruzamento desses significantes raciais e de gênero e sexualidade (PACHECO, 2013).

Assim, o preterimento, o racismo, a solidão, e a bifobia me encontraram em muitos momentos, e me colocaram - e ainda colocam - em lugares desconfortáveis de sofrimento e não pertencimento. Jaeger *et al.* (2019) afirma que ao falarmos de práticas não-heteronormativas, como as bissexualidades e outras sexualidades fluidas, estas ainda parecem ocupar uma zona ininteligível, logo, a bissexualidade por vezes é considerada ambivalente e invisibilizada na cultura cisheteronormativa e binária, vista como uma orientação sexual duvidosa e polêmica.

Tais percepções dizem respeito ao processo de invisibilização e deslegitimação das experiências bissexuais, sendo reações negativas de pessoas heterossexuais, lésbicas e gays em relação às bissexualidades, a qual nomeamos como bifobia (GOOB, 2008). Além da bifobia que atravessa nossos corpos e corpas, falamos também do monossexismo, a crença social de que monossexualidades (refere-se à sexualidade das pessoas que sentem atração por apenas um sexo e/ou gênero) são superiores e mais legítimas do que as não monossexualidades (por sua vez, indica a sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um sexo e/ou gênero) (ROSS *et al.*, 2010). O que denota muitas vezes um adoecimento nas muitas esferas da vida e a negação de uma existência, que difere da norma.

Como retomada de mim, subverto as violências, em que minha história não deve e não será apenas violências, enquanto mulheres negras, resistimos com nossos cabelos, cores, narizes, curvas (ou não curvas), sendo atravessadas pelo racismo, machismo, sexismo, desigualdade social, econômica, LGBTfobia e tantas outras mazelas da sociedade. Por isso, a escrevivência aqui se torna diaspórica no resgate do eu, e das experiências. Uma escrita inquietante, que não deve servir para ninar os da casa grande (EVARISTO, 2007).

Um resgate do passado para pensar o presente por meio da escrevivência, ao passo que por meio das experiências vividas para produção e simbolização de novos significados, abrindo espaço para

ampliar as possibilidades de um fazer científico. Por conseguinte, “quando as narrativas autobiográficas funcionam como escrita de si, elas podem produzir subjetivação e, como consequência, possibilitar práticas de liberdade.” (WESCHENFELDER & FABRIS, 2019, p. 10). Portanto, a escrevivência nos convida a falar de nós, das nossas histórias, pela ótica de quem vivência, que por séculos foram contadas pelo olhar do colonizador.

Por muito tempo achei que não poderia ter referências negras e bissexuais, que era muito difícil encontrar espaços e escritas que dialogassem sobre o que eu vivo, hoje entendo que “a lógica binária e colonial produz um engessamento das experiências e um afunilamento do campo de afetações, trocas e partilhas horizontais” (JAEGER *et al.*, 2019, p. 13). E que não acessar esses lugares, sejam físicos ou não, é uma forma de violência estrutural.

Portanto, para ampliar o debate é importante que as sexualidades monodissidentes sejam pautadas e nomeadas para que os sujeitos que encontram-se nesse espectro da sexualidade possam se reconhecer, se verem representados e, principalmente, identificarem opressões, suas dores e suas angústias para que sejam vistas e pensadas criticamente. A articulação com indivíduos em situações cotidianas é central, pois precisam, com frequência, se posicionar no debate com heterossexuais e homossexuais, já que para ambos a bissexualidade é tida, muitas vezes, sob a noção de “perigo” à norma (SIQUEIRA & KLIDZIO, 2020, p. 16).

A busca por espaços que eu me identificasse, que eu pudesse viver minha sexualidade, encontrar vivências semelhantes e também compartilhar, fez com que eu encontrasse esses lugares. dentre estes, citarei dois aqui, um dentro e outro fora da universidade, grupos em que pessoas negras e LGBTI+ participavam, que estudavam sobre a temática, construía projetos e compartilhavam experiências e vivências, bem como se criaram redes de apoio e fortalecimento das pessoas que participavam. Um dos lugares que participei foi um projeto de extensão da Universidade da Amazônia em Belém do Pará chamado “sobreviver”, que ofertava

círculos reflexivos e de acolhimento para pessoas LGBTI+, onde fui participante e depois fui facilitadora. Um espaço dentro da universidade onde eu podia falar sobre mim sem ser violentada e ouvir vivências semelhantes. Tornou-se, para mim, um espaço seguro em que pude me fortalecer e fortalecer outras pessoas. Nesse sentido, meu processo de me reconhecer enquanto uma mulher negra bissexual acontece por meio da experiência e do compartilhamento em coletivo, onde, ao ouvir as vivências e histórias contadas, eu me identifico, percebo e nomeio meus atravessamentos e aprendo com as relações estabelecidas e firmadas. Sendo assim, é possível me fortalecer enquanto sujeito no coletivo e encontrar meu papel dentro da coletividade, em um fortalecimento mútuo.

Ademais, encontrei fora da universidade um espaço que versasse sobre raça, sexualidade e gênero, chamado Liga de Cuidados Integrais à Diversidade Sexual e de Gênero (LACIGS+), também em Belém do Pará, sendo uma organização independente, um lugar que pude estar em coletivo e construir redes de apoio e afetos, ter contato com vivências pluriversais que muito me agregaram, além de pensar e propor mudanças que atravessam as experiências LGBTI+ em Belém-PA. Neste lugar, minha experiência foi validada, pude falar, ouvir, aprender com outras pessoas e suas experiências e estar em movimento. Enquanto corpo-território, que é memória e desenha o espaço em conjunto com outros corpos e corpos, que são territórios e trazem memórias, ancestralidade e marcas, me pego pensando naquilo que Alex Ratts (2006) diz:

O indivíduo negro, com o seu corpo em relações (con) sentidas, percorre em transmigração territórios negros fragmentados pela diáspora. Reconhece-se nesses espaços descontínuos e, por vezes, os correlaciona, se preenche e se eleva num alargamento de horizontes, em face de um sistema cujas forças o reduzem, o encapsulam e o puxam para baixo: “Eu fico grande numa serra. [...] Eu, assim fico alta.” (p. 69).

Na visão dos/as epistemólogos/as bissexuais, a bissexualidade pode ser usada como uma posição epistemológica para desconstruir o

binário heterossexual/homossexual e a noção moderna de definir a sexualidade com base no sexo/gênero do objeto do desejo (LEWIS, 2012). Consequentemente, as vivências bissexuais que fogem do enquadramento cisheteronormativo existem e resistem às violências e às exigências do alinhamento entre sexo e gênero e a binarização dos afetos que são frutos de uma colonização, e se perpetuam através da colonialidade.

As Experiências coletivas me remetem a importância de aquilombar-se, ao passo que estar onde estou hoje, muito se dá por não estar sozinha, ver que muitas pessoas passaram por situações parecidas e de que nossas vivências se entrelaçam, formando uma teia, o que me faz acreditar - e retomo a tecnologia ancestral -, que o aquilombamento segundo Stéfane Souto (2021) tem como “objetivo de criar possibilidades de existência alternativa às condições de opressão impostas no momento histórico e que compreende a fuga, a organização interna e o enfrentamento por meio da luta como mecanismos de resistência e sobrevivência” (p. 155). Sendo assim, o aquilombamento enquanto movimento de acolhimento, fortalecimento e organização estratégica, tem caráter revolucionário. Nesse ínterim, reafirmo a urgência de que nada mais seja feito e escrito sem a nossa presença e contribuição. Deste modo, o corpo enquanto escrita assume um contexto social, econômico e cultural. Assim, a ideia de “escrivência” dialoga com uma reformulação política e reflexiva da estrutura social no Brasil, onde Conceição Evaristo pautava uma literatura também política e humanizada (MARTINS & MARTINS, 2020).

Na tentativa de criar caminhos e representações que foram negados, minha existência se torna política e necessária, na tentativa de deixar viver e se expandir, em movimento de retomada da minha história, dos espaços, relações e afetos e possibilidades de ser, não de forma solitária, mas coletiva e circular, pois, eu sou porque nós somos (Ubuntu)⁶, acreditando na frondosidade das partes que fazem com que o todo exista, levando em consideração de que cada parte é importante e única.

⁶ Ubuntu é uma palavra africana e tem origem na língua Zulu, um povo do sul da África. A palavra tem vários significados, que se relacionam com a humanidade, pessoas e coletividade.

(IN)CONCLUSÕES DE MIM

As escritas que faço aqui não tendem a se encerrar. Escrevo a partir de um lugar subjetivo, mas que encontra singularidade na coletividade. Na intenção de fazer ecoar o que por muito tempo não teve lugar e foi silenciado, na tentativa de mudar o enredo, o protagonismo e quem está contando a história, para que ela não seja mais homogênea, opressora e aniquiladora. Pensar os atravessamentos que permeiam a experiência da negritude, da bissexualidade e dos territórios é lançar luz para as violências que se repetem historicamente e os mecanismos de controle e subordinação, bem como observar a pluriversalidade que cada identidade de gênero, sexualidade e racialidade têm, como está inserida socialmente e como se inter-relacionam,

Além disso, destaco a importância de perceber as tecnologias de resistência e transformação que ajudam a subverter a lógica e o sistema cisheteronormativo, monossexista, binário e racista. Assim, a escrevivência como lugar de encontro e possibilidade é ferramenta descolonial e de retomada. A partir daquilo que eu escrevo, sobre a minha experiência, posso estar encontrando a experiência de outras pessoas, por isso, não é algo solitário e individual, porque não escrevo apenas sobre mim, mas uma história que foi e é invalidada.

É possível perceber como o acesso a lugares e escritas se encontra dentro de uma lógica de apagamento e epistemicídios, ao passo que o que chega primeiro muitas vezes são as violências, os estereótipos, a exclusão e invalidação, das “dificuldades” que são nomeadas, não por acaso, mas sim por serem violências sistêmicas, que se retroalimentam e se reinventam para continuarem sendo dispositivos de poder e controle. Nas encruzilhadas de mim encontro potência, possibilidades, movimento, reivindicações e semelhantes, que criam frestas, fortalecimento e novos caminhos para viver e não apenas sobreviver, em processo de construção e desconstrução de identidades estabelecidas e engessadas, que ganham expansão e fluidez através de suas escrevivências. Portanto, espero que minha escrevivência encontre você e possa ressoar.

REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. *Se a Cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões na cidade*/Joice Berth. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Brasil: Zahar, 2023.
- CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. *Mulheres negras amazônidas frente à cidade morena: o lugar da psicologia, os territórios de resistência* Dissertação de Psicologia (PPGP), Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 2000.
- EISNER, Shiri. Bi: *Notes for a bisexual revolution*. Berkeley: Seal, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Entrevista à jornalista Ivana Dorali*, para o Instituto Maria e João Aleixo – IMJA, em 16 julho de 2018. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/InstitutoMariaeJoaoAleixo/videos/nesta-segunda--feira-dia-16-a-jornalista-do-instituto-maria-e-jo%C3%A3o-aleixo-e--edito/2110402662562349/>. Acesso em: 12/janeiro/2024.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de Nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FACCHINI, Regina. *Bissexualidade em movimento* [Post do Blog Espaço B], 2009. Disponível em: <http://blog-espaco-b.blogspot.com.br/2010/06/bissexualidade-em-movimento-agostode2004.html>. Acesso em: 12/janeiro/2024.

- Frente Bissexual Brasileira. “Manifesto Bissexual Brasileiro”. 2021. Disponível em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro/>. Acesso em: 12/Janeiro/2024.
- FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em: 11/agosto/2024.
- GOOB, Ulrich. Concepts of bisexuality. *Journal of Bisexuality*, v. 8, n. 1-2, p. 9-23. 2008.
- GONTIJO, Fabiano. As experiências da diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia: apontamentos para estudos nas ciências sociais. *Ciência e Cultura*, 2017.
- GONZAGA, Paula Rita Bacellar. Ser lésbica negra é sempre procurar uma terceira saída. In: “*A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo*”: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. Tese de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- HOOKS, Bell. *Yearning, Race, Gender and Cultural Politics*. Boston: South End Press, 1990.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e Estados*. Brasília, DF: IBGE, 2022.
- JAEGER, Melissa Bittencourt; LONGHINI, Geni Nuñez; OLIVEIRA, João Manuel de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. *Periódicus: Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades*, v. 2, n. 11, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.

- LEWIS, Elizabeth S. “Não é uma fase”: Construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Dissertação de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MARTINS, Waleska; OLIVEIRA MARTINS, Sérgio Ricardo. Corpos em Escrivência: Uma reflexão sobre o corpo e outras estratégias de resistência. *Revell*—Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 24, p. 534–560, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4814>. Acesso em: 15/janeiro/2024.
- MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. *Programa de pós-graduação em ciências da ufrn*, v.11, n. 2, 2010.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017.
- MOSCHKOVICH, Marília. *Ebisteme*: Bissexualidade como epistemologia. São Paulo: Editorial Linha a Linha, 2022.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra*: afetividade e solidão. EDUFBA, 2013.
- PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações visíveis na cidade: olhares sobre o racismo em Belém do Pará. *Nova Revista Amazônica*, v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13016> . Acesso em: 11/agosto/2024.
- RATS, Alex. *Eu sou Atlântica*: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.
- ROSS, Lori E., DOBINSON, Cheryl; EADY, Allison. *Perceived determinants of mental health for bisexual people*: a qualitative examination. *Am J Public Health*, v. 100, n. 3, p. 496–502, 2010.

- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SANTOS, Neusa. *Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.
- SIQUEIRA, Monalisa Dias de; KLIDZIO, Danieli. Bissexualidade e Pansexualidade: Identidades Monodissidentes no contexto Interiorano do Rio Grande do Sul. *Revista Debates Insubmissos*, v. 3, n° 9, 2020.
- SENA, José. Corpos dissidentes, saúde sexual e microbiopolítica de resistência na Amazônia atlântica. *Trabalho em linguística aplicada*, n. 59, v. 3, 2020.
- SOUTO, S. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. *Políticas Culturais em Revista*, v. 14, n. 2, p. 142–159, 2021. DOI: 10.9771/pcr.v14i2.44151. Acesso em: 30/janeiro/2024.
- WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 3, e54025, 2019.

Texto recebido em 01/02/2024 e aprovado em 09/09/2024